ISSN: 2358-8829

JORNAL ESCOLAR DIGITAL COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO MIDIÁTICO E PROTAGONISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Gilmar dos Santos Mendonça[1]
Fernanda Moreira da Silva[2]
Nataniel Vitor da Silva Costa[3]
Sara Fabiana da Silva Lopes[4]
Simone Varela[5]

INTRODUÇÃO

A inserção da cultura digital nos anos iniciais do Ensino Fundamental impõe à escola pública contemporânea o desafio urgente de ressignificar os processos de ensino e aprendizagem, superando a dicotomia entre a cultura escolar tradicional e as práticas comunicacionais que atravessam o cotidiano infantil. Longe de representar apenas o acesso instrumental a dispositivos tecnológicos, a onipresença das telas, redes sociais e fluxos multimidiáticos na vida de estudantes de sete a nove anos exige uma postura pedagógica crítica, reflexiva e propositiva.

No contexto escolar, frequentemente os aparelhos móveis e as mídias são tratados sob a perspectiva exclusiva da interdição, vistos mais como fontes de distração e indisciplina do que como artefatos culturais passíveis de mediação pedagógica emancipadora.

Nesse cenário de tensões e possibilidades, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), promovido pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL), configura-se como um território privilegiado de práxis educativa, oportunizando a

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), bolsista PIBID/CAPES. E-mail: gs16@aluno.ifal.edu.br;
[2] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), bolsista PIBID/CAPES. E-mail: fms24@aluno.ifal.edu.br;
[3] Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), bolsista PIBID/CAPES. E-mail: nvsc5@aluno.ifal.edu.br;
[4] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), bolsista PIBID/CAPES. E-mail: sfs13@aluno.ifal.edu.br;
[5] Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT/SE), Docente do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). E-mail: simone.varela@ifal.edu.br.

ISSN: 2358-8829

articulação orgânica entre a formação acadêmica em nível superior e o chão da escola básica pública.

A pesquisa aqui relatada ancora-se na implementação do projeto 'Jornal Escolar Digital: uma janela para o mundo', desenvolvido junto às turmas de 3º ano do Ensino Fundamental (turmas 3º A e 3º D) da Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos, situada no bairro do Jacintinho, em Maceió/AL.

O Jacintinho caracteriza-se como uma comunidade periférica vibrante, com expressiva riqueza sociocultural, mas historicamente marcada por vulnerabilidades socioeconômicas e carências de infraestrutura que exigem da escola um compromisso com a acolhida, a valorização das vozes locais e a justiça social.

O ponto de partida da intervenção pedagógica não decorreu da aplicação mecanicista de uma proposta instrucional prévia ou de pacotes curriculares externos. Ao contrário, a equipe de bolsistas inseriu-se na rotina das salas de aula com a premissa fundamental da escuta atenta das demandas concretas dos estudantes.

Durante as primeiras semanas de aproximação diagnóstica, constatou-se uma realidade desafiadora: expressivas heterogeneidades nos níveis de apropriação do sistema de escrita alfabética, dificuldades na leitura com fluência e barreiras no letramento tradicional, reflexos acentuados pelas lacunas no ciclo de alfabetização pós-período pandêmico.

Em contrapartida direta a essas dificuldades de registro formal, os estudantes revelaram uma vigorosa potência expressiva oral e um entusiasmo contagiante. Manifestavam intenso desejo de falar, partilhar narrativas de sua vivência e investigar o que ocorria no território em que residem.

Na espontaneidade e peraltice próprias dos estudantes de sete a nove anos de idade, expressavam repetidamente: ‘Tio, a gente quer falar das coisas da vida, saber da vida do povo!’, referindo-se com risos às histórias, acontecimentos e ‘fofocas da rua’ (como eles mesmo se referiam).

Essa constatação evidenciou que os educandos possuíam um amplo repertório empírico e narrativo sobre o mundo circundante, carecendo, contudo, de suportes didáticos adequados que legitimassem sua autoria e canalizassem essa efervescência comunicativa em favor da aprendizagem significativa.

Diante dessa constatação empírica, delineou-se o objetivo central deste estudo: analisar o impacto da produção jornalística digital no engajamento, na autonomia e no

ISSN: 2358-8829

letramento midiático dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental da escola pública, compreendendo as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) como elementos essenciais para uma alfabetização dialógica, contextualizada e sintonizada com a realidade local. Justifica-se a relevância da investigação pela necessidade premente de construir práticas pedagógicas que desmistifiquem a tecnologia, combatam o consumo passivo de telas e consolidem o protagonismo infantil no processo de leitura crítica do mundo.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado na observação participante e nos princípios da pesquisa-ação crítica. As ações formativas estruturaram-se a partir de dinâmicas lúdicas de sensibilização, confecção de instrumentos midiáticos de sucata, oficinas de gêneros jornalísticos, apurações comunitárias e a edição compartilhada de um jornal escolar em formato digital e mural.

As discussões e achados empíricos confirmam que a apropriação dos processos de produção da informação transforma significativamente a postura dos estudantes, que avançam da condição de meros receptores passivos para a de produtores críticos e éticos de conteúdo, potencializando a alfabetização e fortalecendo o vínculo afetivo e formativo entre a escola e a comunidade periférica.

METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se metodologicamente como uma pesquisa qualitativa de cunho analítico-reflexivo, consubstanciada sob o formato de relato de experiência fundamentado na observação participante. A abordagem qualitativa mostra-se a mais apropriada para o estudo das práticas sociais e formativas no campo escolar, uma vez que valoriza os significados, os processos interativos, as falas e as transformações subjetivas vivenciadas pelos sujeitos em seu contexto ecológico natural.

O campo empírico da pesquisa foi a Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos, pertencente à rede pública municipal de ensino de Maceió/AL, localizada no populoso bairro do Jacintinho. A experiência envolveu diretamente educandos na faixa etária predominante de 7 a 9 anos, distribuídos entre as turmas do 3º ano do Ensino Fundamental (turmas 3º A e 3º D), estendendo-se de forma colaborativa a cerca de 50 participantes, incluindo as professoras regentes das salas, a coordenação pedagógica,

ISSN: 2358-8829

servidores da unidade escolar e os bolsistas do curso de Licenciatura em Pedagogia do IFAL, atuantes no subprojeto PIBID/Educação Básica (Brasil, 2024).

No que concerne aos cuidados éticos, ressalta-se que todas as ações foram previamente pactuadas e aprovadas pela equipe gestora e pedagógica da instituição escolar, em estrita consonância com o projeto institucional do PIBID/IFAL. As atividades respeitaram a integridade, a identidade e a dignidade dos estudantes, sendo obtida a devida autorização dos pais e responsáveis legais para a realização das atividades lúdico-pedagógicas e para o uso educativo de registros no âmbito da formação docente e divulgação científica, resguardando-se a privacidade individual dos estudantes.

O percurso metodológico foi estruturado em cinco etapas integradas e processuais, descritas a seguir:

Primeira Etapa: Diagnóstico Participativo, Sensibilização Lúdica e o Jogo do Telefone Sem Fio. A aproximação inicial com os disccentes baseou-se no acolhimento afetivo e na identificação das demandas dos próprios alunos. Para abordar o conceito de informação, circulação de mensagens e a distinção entre fatos e boatos, a equipe implementou a tradicional brincadeira do ‘Telefone Sem Fio’. Em círculo, uma frase sobre um fato cotidiano escolar era sussurrada de ouvido a ouvido até o último colega revelar o que havia chegado.

As distorções geraram risos imediatos e serviram como problematização pedagógica: ‘Por que a frase mudou tanto?’, ‘O que acontece quando uma fofoca passa de boca em boca?', ‘Como garantir que uma notícia seja verdadeira?’. Esse jogo ancestral constituiu o alicerce teórico-vivencial para discutir a importância da apuração, da clareza e da responsabilidade ética nos meios orais, impressos e digitais.

Segunda Etapa: Concretização Lúdica e Criação de Instrumentos com material reciclavel e papel. Cientes de que os estudantes do 3º ano necessitam da materialidade concreta para ancorar os processos de abstração e representação simbólica, foram organizadas oficinas de produção artística com materiais recicláveis. Utilizando caixas de papelão, rolos de papel higiênico, tampinhas plásticas e tintas, os estudantes confeccionaram seus próprios instrumentos de trabalho: microfones de repórter, blocos de anotações artesanais, câmeras filmadoras e crachás personalizados de ‘Equipe de Reportagem’.

ISSN: 2358-8829

Essa mediação lúdica transformou a atitude dos educandos, operando como passaporte simbólico para que estudantes tímidos ou com receios decorrentes da não alfabetização assumissem com orgulho o papel de entrevistadores.

Terceira Etapa: Oficinas de Produção Textual Coletiva e Gêneros Jornalísticos. As oficinas práticas focaram no estudo e produção dos gêneros informativos (notícia, entrevista, fotojornalismo e legenda). Considerando a heterogeneidade da turma quanto ao domínio da escrita, adotou-se a metodologia da escrita coletiva mediada pelo professor/bolsista escriba.

As pautas foram levantadas pelos estudantes a partir do que observavam no pátio, na cozinha, nas salas e nas ruas do Jacintinho. Em grupos, mas com orientação dos Pibidianos, os estudantes formulavam as perguntas das entrevistas, realizavam as apurações com funcionários e colegas portando seus microfones artesanais e, no retorno à sala, verbalizavam os achados, especialmente entrevistando a gestão escolar, diretora e coordenadora escolar.

O bolsista registrava as falas no quadro, discutindo com a turma a organização das frases, a ordem cronológica, a concordância e a eliminação de ambiguidades, consolidando o processo de transposição da oralidade para o texto escrito formal.

Quarta Etapa: Diagramação Digital, Multimodalidade e Consultoria Infantil. A estruturação do jornal no suporte digital enfrentou o desafio comum à escola pública: a ausência de um laboratório de informática plenamente equipado para uso massivo dos alunos. Essa barreira foi contornada metodologicamente transformando a limitação em oportunidade colaborativa.

Utilizando o computador da secretaria/coordenação escolar e computadores portáteis dos bolsistas, os estudantes atuaram como consultores de diagramação em pequenos grupos rotativos. Os estudantes opinavam sobre a harmonia das cores, escolhiam o destaque das manchetes e ditavam legendas, vivenciando a construção visual e multimodal do jornal escolar.

Quinta Etapa: Publicação, Socialização e Avaliação Emancipatória. O encerramento de cada ciclo editorial contemplou a dupla circulação do material produzido: a confecção de um impresso para escola para acesso imediato de toda a comunidade interna, e a exportação do material em arquivo digital interativo (PDF e lâminas de visualização), além de um viceo de entrevistas compartilhado e assistido pelos discentes.

O acompanhamento avaliativo ocorreu de modo processual e formativo, mediante registros sistemáticos em diários de campo dos bolsistas, rodas dialógicas de conversa e momentos de autoavaliação, nos quais os estudantes verbalizavam as mudanças em sua percepção sobre a leitura, a escrita e o uso das telas, além de ativiades diagnosticas xerocadas e impressas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho articula-se em torno de três eixos conceituais complementares: a pedagogia dialógica da autonomia e a problematização da realidade, a teoria dos multiletramentos e do letramento midiático na cultura digital, e a perspectiva da educomunicação como direito à expressão e cidadania infantil.

No âmbito da pedagogia crítica, ancoramo-nos no pensamento de Paulo Freire (1996), para quem 'ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção'. Freire nos ensina que a leitura do mundo precede historicamente a leitura da palavra, e que a alfabetização autêntica só ocorre quando o educando se torna sujeito ativo de sua própria história e linguagem.

Nos contextos populares e periféricos, a imposição de cartilhas e conteúdos desvinculados da experiência existencial dos educandos opera uma violência simbólica que desconsidera a bagagem cultural trazida do lar e da rua. Ao proporcionar condições para que os estudantes tematizem os acontecimentos de seu próprio território, a prática pedagógica resgata a curiosidade epistemológica e transforma a sala de aula em um espaço democrático de partilha e problematização.

O diálogo com a teoria dos multiletramentos, desenvolvida por Roxane Rojo e colaboradores a partir do Manifesto do Grupo de Nova Londres, fornece o suporte analítico para compreender as demandas comunicacionais contemporâneas. Para Rojo (2012), a educação linguística na sociedade digital não pode mais restringir-se ao texto impresso, linear e monocultural; ela deve abranger textos multimodais, compostos pela integração indissociável de imagens, sons, movimentos, hipertextos e disposições espaciais.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o letramento midiático não se resume ao domínio operacional de aplicativos ou ao manuseio mecânico de teclados; consiste, fundamentalmente, na capacidade reflexiva de ler, analisar criticamente, avaliar e

produzir mensagens em suportes midiáticos diversos, discernindo as intencionalidades, os pontos de vista e os interesses subjacentes a cada produção comunicativa.

Nessa esteira, a perspectiva da Educomunicação, sistematizada por Ismar de Oliveira Soares, propõe uma mudança de paradigma: em vez de encarar os meios de comunicação apenas como canais didáticos de transmissão, a escola deve constituir um 'ecossistema comunicativo aberto', caracterizado pela horizontalidade, pelo diálogo intersubjetivo e pela ampliação dos coeficientes de expressividade dos sujeitos. Na infância, essa abordagem contrapõe-se radicalmente à histórica tutela que reduz a criança à condição de 'vir a ser' ou de miniadulto desprovido de legitimidade discursiva.

Conforme defendem os estudos da Sociologia da Infância e da Pedagogia da Infância, os meninos e meninas são atores sociais de pleno direito, portadores de culturas próprias de pares, capazes de interpretar o real e de intervir ativamente em seu meio social.

Por fim, a mobilização dos gêneros textuais e discursivos ampara-se nas formulações de Luiz Antônio Marcuschi (2001), que define os gêneros como formas de ação social, dinâmicas e historicamente situadas. A transposição do gênero jornalístico para o contexto escolar, conforme enfatizado por Denise Gruber (2012), retira a escrita da esfera da tarefa escolar fictícia e a devolve à sua função comunicativa genuína.

Ao redigir uma notícia, realizar uma entrevista ou criar uma legenda explicativa, a criança atua sobre uma situação real de interlocução: há fatos reais a serem comunicados, fontes verdadeiras a serem ouvidas e um público leitor concreto, composto por colegas, familiares, vizinhos e professores, que aguarda o jornal para dele usufruir e se informar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação do projeto ‘Jornal Escolar Digital: uma janela para o mundo’ gerou resultados pedagógicos e sociais profundos, que podem ser categorizados em quatro dimensões principais: o avanço nos processos de alfabetização e letramento a partir da escrita autêntica; a ressignificação do uso das tecnologias digitais e superação do consumo passivo; o fortalecimento do protagonismo infantil e da cidadania crítica; e a integração transformadora entre a escola pública e a comunidade do Jacintinho.

ISSN: 2358-8829

No que concerne à alfabetização e ao letramento, a experiência confirmou a premissa de que a escrita se consolida de maneira mais sólida e significativa quando está investida de função social real.

No início do ano letivo, o ato de escrever restringia-se frequentemente a cópias descontextualizadas da lousa e a exercícios mecânicos que geravam desinteresse e frustração em educandos que ainda não dominavam o código alfabético. A partir do momento em que a sala de aula se transformou em uma redação de jornal, a escrita ganhou outro sentido: escreve-se para informar a escola, para contar o que acontece no bairro e para ser lido por outras pessoas. Estudantes que antes demonstravam inibição passaram a ditar seus relatos com entusiasmo, prestando atenção minuciosa na entonação, na separação das sílabas e na escolha dos vocábulos.

A metáfora viva do ‘telefone sem fio’, trabalhada exaustivamente na sensibilização, converteu-se em um poderoso dispositivo de autocorreção textual e metacognição entre os estudantes. Durante os momentos de produção coletiva na lousa, quando uma frase ficava truncada ou pouco compreensível, os próprios estudantes alertavam: 'Tio, desse jeito vai virar telefone sem fio! Se o pessoal da outra turma ler assim, vai entender outra coisa!'.

Esse apontamento espontâneo demonstra a internalização da noção de destinatário real e a preocupação ética com a clareza da mensagem, competência sofisticada de letramento que transcende a mera decodificação mecânica de letras.

Quanto à relação com a cultura digital, a pesquisa registrou a transição efetiva dos educandos de consumidores passivos de telas para criadores conscientes de conteúdos midiáticos. Os estudantes do 3º ano já ingressam na escola imersas em vídeos curtos de plataformas como *YouTube* e redes sociais, consumindo fluxos ininterruptos de estímulos visuais que muitas vezes induzem à dispersão e à recepção acrítica. Ao assumirem as funções de repórteres, fotógrafos e diagramadores, os alunos passaram a desconstruir a ‘mágica’ da mídia. Compreenderam que uma imagem publicada resulta de uma escolha estética e ética de enquadramento, que um vídeo necessita de roteiro e que uma manchete não pode veicular inverdades.

A experiência de manusear os computadores da escola e participar ativamente das decisões de edição quebrou a barreira do distanciamento tecnológico frequentemente imposta a estudantes de comunidades vulnerabilizadas. Mesmo diante da infraestrutura computacional restrita, o arranjo pedagógico colaborativo, no qual os estudantes atuavam

ISSN: 2358-8829

como consultoras de design e os bolsistas como facilitadores operacionais, assegurou que a técnica ficasse a serviço do pensamento criativo dos estudantes, e não o inverso. O letramento midiático operou-se, portanto, na práxis cotidiana de produzir mídias digitais com intencionalidade formativa.

No âmbito do protagonismo infantil, a utilização dos artefatos lúdicos confeccionados com sucatas (microfones e câmeras de papel) atuou como elemento desinibidor fundamental. O ‘fazer de conta’ jornalístico autorizou a criança a ocupar os espaços da escola com altivez e segurança. Alunos que nas atividades tradicionais sentavam-se no fundo da sala e pouco participavam transformaram-se em entrevistadores curiosos, abordando professores, gestores e os trabalhadores da alimentação e limpeza com perguntas pertinentes e postura respeitosa. Esse movimento desconstrói a visão adultocêntrica que reduz a criança à passividade e reafirma que a infância possui voz própria, capaz de formular juízos críticos sobre o ambiente que habita.

Por fim, os resultados apontam para um revigoramento expressivo dos vínculos entre a Escola Lenilto Alves e a comunidade circundante. Ao pautarem temas do cotidiano, como a valorização das tradições do Jacintinho, os cuidados com a conservação das praças locais e as histórias de vida de moradores emblemáticos, os estudantes aproximaram as famílias do ambiente escolar. Os pais e responsáveis que receberam o jornal digital em seus celulares e leram os murais no portão da escola relataram sentimentos de orgulho e admiração pelo trabalho dos filhos.

O jornal funcionou, em sua plenitude, como uma verdadeira 'janela para o mundo', projetando para além dos muros escolares as potências criativas de uma infância pública e periférica muitas vezes invisibilizada.

Para a equipe de formação docente do PIBID/IFAL, a experiência constituiu uma oportunidade inestimável de aprendizagem profissional. Os bolsistas vivenciaram o desafio de adaptar o currículo às emergências da realidade, compreendendo que a verdadeira docência exige flexibilidade, escuta sensível, inventividade metodológica e compromisso incondicional com a democratização do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência desenvolvida no projeto ‘Jornal Escolar Digital: uma janela para o mundo’, no âmbito do PIBID/IFAL junto à Escola Municipal Professor Lenilto Alves

Santos, evidenciou que o jornal escolar digital constitui uma ferramenta pedagógica de extraordinária potência para fomentar o letramento midiático, impulsionar a consolidação da alfabetização e promover o protagonismo discente desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

A pesquisa demonstrou que a superação do consumo passivo e acrítico das tecnologias digitais não se dá pelo banimento ou proibição dos aparelhos, mas sim pela oferta de espaços de produção autêntica, nos quais os estudantes compreendam os mecanismos de funcionamento da comunicação e se apropriem dos suportes midiáticos como autores de seu próprio discurso. Ao partir da escuta genuína da curiosidade infantil, da dinâmica lúdica do telefone sem fio e da confecção de instrumentos artesanais de reportagem, o projeto conseguiu canalizar a efervescência comunicativa dos alunos do 3º ano em um percurso formativo rigoroso, ético e emancipador.

O estudo aponta ainda que as limitações estruturais e materiais históricas da escola pública não devem ser vistas como impedimentos absolutos à inovação metodológica. Com mediação pedagógica engajada, solidariedade interinstitucional e criatividade didática, é plenamente possível construir ecossistemas educomunicativos que empoderem estudantes de classes populares e fortaleçam a relação dialógica entre a instituição escolar e seu território comunitário.

Como prospecção para a comunidade científica e para a práxis da Educação Básica, destaca-se a necessidade de continuidade e ampliação de pesquisas que investiguem os multiletramentos e a educomunicação no ciclo de alfabetização, articulando a cultura lúdica infantil às linguagens contemporâneas da cibercultura. O trabalho reafirma, por fim, a centralidade indispensável de programas de iniciação à docência como o PIBID/IFAL na formação de futuros professores reflexivos, pesquisadores de sua própria prática e comprometidos com uma escola pública democrática, inclusiva e socialmente referenciada.

Palavras-chave: Ensino Fundamental; Jornal Escolar Digital; Letramento Midiático; Protagonismo Discente; Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

AGRADECIMENTOS

Manifestamos nosso agradecimento, em primeiro lugar, à Coordenadora de Área do Subprojeto Pedagogia do IFAL, Professora Simone Varela, por sua orientação precisa, liderança inspiradora e acompanhamento constante ao longo de todo o percurso formativo.

Agradecemos aos queridos estudantes do 3º ano da Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos, pela pureza, entusiasmo contagiante e brilhantismo com que abraçaram cada oficina, sendo os verdadeiros repórteres e protagonistas desta caminhada.

Expressamos nosso profundo reconhecimento à professora Rejane Vasconcelos Pereira da Silva, pelo acolhimento irrestrito em sua sala de aula, pela generosidade pedagógica e pela constante parceria profissional que enriqueceu cada momento desta vivência.

Estendemos nossa gratidão à equipe gestora, à coordenação pedagógica, aos professores e a todos os servidores da Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos, bem como aos familiares dos alunos e aos colegas bolsistas do PIBID/IFAL pelo companheirismo e dedicação incansável.

Por fim, registramos nosso agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento concedido por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID - Edital Capes nº 10/2024), e ao Instituto Federal de Alagoas (IFAL) pelo suporte institucional que tornou possível a realização desta pesquisa formativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Edital nº 10/2024**: Chamada Pública para seleção de Instituições de Ensino Superior para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Brasília, DF: CAPES, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRUBER, D. **O jornal na sala de aula**: da informação à construção do conhecimento. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 19-36.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 15-33.
ROJO, R. (org.). **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, I. O. **Educomunicação**: o que é, como se faz. São Paulo: Paulinas, 2014.